



**CADERNO DE ESTUDOS
ÁGORA**

Vol. 1, n. 1 (Jan/Jun 2024)

ISSN: 2966-0238

DOI: 10.5281/zenodo.11160579

PARA COMPREENDER A METAFÍSICA DE RENÉ GUÉNON

Autor: Rafael Resende Daher

Resumo: Este ensaio apresenta uma análise da metafísica de René Guénon. Guénon argumenta que a percepção do homem moderno em relação a fenômenos espirituais e metafísicos tem se deteriorado ao longo do tempo, devido à prevalência da quantidade sobre a qualidade. Sua crítica à cultura ocidental se funda na ideia de que a materialização do mundo tem levado a uma degeneração espiritual e à perda da compreensão da transcendência. Guénon também discute a importância da metafísica na compreensão da existência e da realidade, propondo uma metafísica ancorada na intuição identificadora do homem com a mente supraindividual, alcançada por meio de símbolos e práticas ritualísticas e sacramentais. No entanto, críticos questionam a visão polêmica de Guénon, argumentando que ele não reconhece os esforços da filosofia contemporânea, como a fenomenologia de Husserl, para abordar os problemas éticos e estéticos da época.

Palavras-chave: *Metafísica, Filosofia, Perennialismo, Oriente, Ocidente, Modernidade.*

1. Introdução

A descrição do sistema de pensamento de René Guénon deve começar pelo seu conceito central: a "metafísica". Guénon atribui a este conceito um significado absoluto. Existe apenas uma metafísica, direta ou indiretamente, de maneira necessária; onde a metafísica está ausente, não há conhecimento, em qualquer nível, pois ela é, na verdade, o seu princípio. O conceito de metafísica corresponde aqui ao "conhecimento" (*jnana*) da filosofia indiana. Existe apenas uma metafísica, pois há apenas uma verdade. Se, no entanto, distinguirmos entre a metafísica ocidental e a metafísica oriental - o próprio Guénon chamou sua palestra na Sorbonne (1925), que é um resumo de seus ensinamentos, de "Metafísica Oriental" – afinal, essas diferenças se aplicam apenas às formas externas, que se originam¹ necessariamente para expressar o que pode ser expresso na metafísica (e nem tudo pode ser expresso).

Mas estas diferenças nas formas externas não tocam o único elemento comum a todos os ensinamentos metafísicos dignos desse nome. E se Guénon conduz os seus leitores ao conhecimento da metafísica oriental, a razão para isto é precisamente esta: que no Ocidente a metafísica se perdeu, enquanto no Oriente ela está viva; e mesmo que nós buscássemos redescobrir a tradição ocidental, deveríamos primeiro lidar com o conhecimento da física metafísica que ainda está vivo no Oriente. "O metafísico" é o mesmo que o sobrenatural. Enquanto não tivermos transcendido a natureza, isto é: acima do domínio do visível, estamos a lidar com a física. Aristóteles definiu a metafísica como a teoria da existência onde quer que ela exista. No entanto, ser definição é muito estreita. O "Ser" não é o princípio supremo, porque já contém dentro de si determinação, proteção, é apenas um princípio de descoberta. A metafísica também tem que ceder ao invisível, ao inexprimível. O exprimível é zero em relação ao inexprimível, assim como uma mente finita, por maior que seja, é zero em relação ao infinito. E quando falamos aqui sobre o que pode ser expresso, deve-se acrescentar que a linguagem não é o único meio de expressão. O poder expressivo dos símbolos é incomensuravelmente maior que o poder da linguagem.

Guénon argumenta contra a filosofia, que ela desistiu da expressão por símbolos e, portanto, negou um meio importante de explicar as verdades transcendentais. Porém, além de qualquer possibilidade de expressão, de dar forma, existe o inexprimível, que, do ponto de vista

¹ Cf. *La Métaphysique orientale*. René Guénon. Qalam, 2021.

metafísico, é o principal. O principal conceito metafísico é o infinito no sentido exato, que carece de qualquer limitação. O infinito matemático e, portanto, o espaço e o tempo infinitos, não são infinitos neste sentido, uma vez que o conceito de infinito matemático foi criado a partir do conceito de finito e permanece conectado a ele. O infinito metafísico não pode ser definido, porque toda cerca é uma limitação e uma negação. Este infinito engloba e contém tudo, portanto a sua negação é incompreensível, pois de onde virá esta negação, quando o infinito contém tudo?! E por outro lado: tudo o que é finito em algum aspecto, mesmo quando é infinito em outro aspecto (como o espaço), é zero em relação ao infinito e não pode ser visto como uma “parte” do infinito; o verdadeiro infinito não tem partes. Os “panteístas” que queriam ver o mundo em termos do que é “parte” de Deus estavam errados. O mundo é, em sua relação com o infinito, zero. Às vezes pergunta-se como a multiplicidade foi criada a partir da unidade infinita. Esta questão também é falsa, pois a multiplicidade não “sai” da unidade, que é tudo. Aqui está a ilusão de expressões como “emanação” ou “delegação”, que evocam a imagem enganosa, como se algo pudesse “sair” da unidade.

2. Unidade, porque é tudo.

Estas teorias sobre o infinito, cuja negação é autocontraditória, lembram-nos as teorias sobre a prova ontológica. Mas a Guénon não pretende “provar” o infinito com uma prova lógica, ela depende da “realização”, da realização pela observação intelectual. Ele usa esta frase, que conhecemos da filosofia romântica, especialmente de Schelling: esta realização "mental" indica a metafísica e ao mesmo tempo a sua diferença em relação à "ciência". Não há aqui interesse em abstrações, mas numa percepção direta da verdade. A ciência é uma cognição intelectual (racional), discursiva, indireta, baseada na reflexão: a metafísica é cognição do inteligente, intuitivo, direto.

Mas esta “intuição” é completamente diferente da perspectiva de que fala Bergson. É, para Bergson, uma perspectiva sensual, que pretende apreender o transitório, o emergente, na natureza. Considerando que a perspectiva intelectual sobre a qual Guénon fala e na qual se baseia os princípios eternos e imutáveis, sobre os quais a metafísica se baseia. A observação intelectual não é um talento do indivíduo (ou do indivíduo genial, como acreditavam os filósofos românticos). Este todo transcendente, que abrange os princípios totais, pertence a uma ordem total, supraindividual.

Através da “observação intelectual” ou da “realização metafísica” somos completamente libertados da estreiteza da existência privada. Esta é a chave para a compreensão da metafísica, que o homem possa sair da sua privacidade e identificar-se com o infinito, uma identificação parcial, que lhe permita comprar uma opinião intuitiva absoluta, que é o fundamento da metafísica. Se Leibniz tivesse razão, e o homem fosse uma mônada fechada em si mesmo, ele não seria capaz de reconhecer o que pertence a outro nível que não o seu. Mas assim como o Sol é independente das muitas maneiras pelas quais a sua luz é refletida, o infinito é independente das suas muitas manifestações. O “eu” é apenas uma de suas manifestações e realizações.

Somos, portanto, ordenados a distinguir entre o “grande eu” e o “pequeno eu”, entre “personalidade” e “individualidade”. É essencialmente uma questão supraindividual. e, portanto, tudo o que os filósofos modernos chamam de “metafísica” não tem nada a ver com a verdadeira metafísica. Estas são apenas construções intelectuais ou hipóteses imaginárias que foram inventados por indivíduos – pseudometafísica.

A mente transcendental se identifica com as coisas por ela conhecidas. Aristóteles já disse que o que existe é tudo o que ele conhece. Conhecer significa identificar, mas Aristóteles não tirou nenhuma conclusão deste artigo. Este fato indica uma das deficiências mais intrigantes do pensamento ocidental. Mas, em qualquer caso, o artigo de Aristóteles prova que mesmo no Ocidente existia o conhecimento metafísico, conhecido por poucos, pelos escolhidos; mais tarde esquecido este ensinamento e, portanto, a sua cultura tornou-se, como veremos, anormal e degenerada. A natureza “realizadora” do conhecimento é que o conhecedor se identifica com o conhecido. O conhecimento é a identificação do sujeito com o objeto, ou seja, a assimilação do objeto pelo sujeito.

“Ser” e “conhecer” não estão separados, são apenas duas faces de uma mesma realidade. Sem este reconhecimento imediato, a metafísica não é possível. A verdadeira metafísica não existe para aqueles que não compreendem que o ser é preenchido pela cognição e apenas pela ela, e que toda cognição parcial é uma participação na mente em sua totalidade. Assim como os reflexos do sol estão ligados a mim pelos raios solares no próprio sol, o indivíduo conhecedor está conectado pela mente global ao centro do mundo, o sol. voltaremos a esta ideia. Se “realização” e “reconhecimento” são apenas dois aspectos de uma realidade, então acontece que ele fala consigo mesmo no sentido de Kant, isto é: algo que não é reconhecido é impossível.

Desta forma, a metafísica está ancorada na mente abrangente. Mas - perguntará o questionador e o requerente argumentará: como é possível que uma pessoa se identifique, mesmo que apenas parcialmente, com esta mente universal? Quais são os meios para isso? Estas medidas devem ser adaptadas à situação em que a pessoa se encontra. Esses dispositivos são rituais, cultos, sacramentos, palavras, símbolos e outras preparações que o discípulo empreende. Estes meios, os caminhos do Yoga, são diferentes para diferentes personalidades e diferentes culturas; e o mais importante dentre eles é a concentração da mente (que se opõe tanto aos hábitos do Ocidente). Mas a conclusão a que chegam não é a sua ação. Esses meios não criam o que não existia antes, apenas ajudam o homem a descobrir o que existe. Isto é feito prolongando as possibilidades. Na pessoa normal, apenas se desenvolve a possibilidade física, que é apenas uma pequena parte. Esta redução do homem é a conclusão da sua descida, a materialização contínua da humanidade, e esses meios auxiliares destinam-se a devolver o homem ao seu estado inicial, a esta forma de desenvolver passo a passo os talentos adormecidos do homem. O homem supera a percepção temporária das coisas; este adquire para ele o "senso de eternidade". Isso, diz Guénon, é de fundamental importância. A primeira condição para o reconhecimento metafísico é que o homem se coloque fora do tempo. E o objetivo de todo o processo é elevar o homem acima do "mundo das formas", o mundo individual, para um mundo desprovido de qualquer determinação e limitação. Este estado é inexprimível porque está além de qualquer limitação.

Tudo o que se pode dizer sobre isso é negativo, a eliminação de todas as fronteiras, isto é, "libertação" e "unificação".

Veremos agora os detalhes deste ensinamento.

O infinito não tem partes, então é impossível falar sobre ele quando tomamos cuidado em nosso discurso, que tem uma multiplicidade de aspectos. Se, no entanto, falamos de faces diferentes dentro do infinito, isso ocorre porque a nossa realização é limitada, porque estamos numa situação individual e limitada. A partir desta reserva pode-se dizer que é permitido ver o infinito também como uma possibilidade pura, inclusiva, ilimitada, e assim distinguimos entre um aspecto ativo do infinito e um aspecto passivo. Esta é a mesma distinção encontrada entre os indianos que existe entre Brahma e sua *Shakti*, isto é: sua "vontade" ativa ou "todas as possibilidades". É assim que os chineses distinguem entre "perfeição ativa" (*Khien*) e "perfeição passiva" (*Khuen*). Não devemos identificar o Ser com o infinito, porque o Ser não contém todas as possibilidades. Se falamos do infinito, somos

nomeados para um ponto de vista superior ao do Ser. Daí, o que já foi dito acima, que a metafísica é mais abrangente que a ontologia, uma vez que também abrange o Não-ser. O conceito mais elevado é, portanto, o do infinito ou do total. A distinção dos filósofos entre o “possível” e o “real” não tem lugar em Guénon, e ele a chama de “vulgar”, pois não tem significado metafísico. Tudo o que é possível é real à sua maneira. Caso contrário seremos forçados a dizer que não há possibilidades. Mas isto é uma contradição, porque então o possível seria impossível. A rejeição desta distinção entre o "possível" e o "real", que é de tão grande importância na filosofia (Leibniz, Kant, etc.), tornar-se-á clara para nós quando tivermos em conta o que Guénon distingue entre o "visível" (manifesto) e o invisível (não manifesto), e isso substitui a distinção entre possível e real. Existem possibilidades do invisível e existem possibilidades do visível, e entre estas existem diferentes graus.

O "Ser" é o princípio da manifestação; portanto, ele reúne todas as possibilidades dentro de si da revelação, mas, como mencionado, não é o mesmo que a possibilidade total, porque fora do ser há possibilidades do visível que não foram realizadas em um determinado mundo e aí estão todas as possibilidades do invisível.

O próprio Ser também pertence a este sistema do Imanifestado, porque é de fato um princípio de tudo que é visível, mas ele mesmo não se revela – o Ser é um princípio de existência, mas o sistema de tudo o que não é oculto é maior que o sistema do que é.

Surge o Não-ser, que Guénon identifica-o com o "zero metafísico", enquanto o Ser é a afirmação de ambos a este zero metafísico, e esta afirmação de ambos cria a "unidade" (o Ser), que contém dentro de si pela força toda multiplicidade, assim como o zero metafísico contém dentro dele está a força desta unidade. E não substituiremos o zero metafísico pelo zero matemático, porque ele só tem lugar no campo da quantidade. Neste não-ser ou neste zero metafísico não há espaço nem para a multiplicidade nem para a unidade. O sistema indiano fala do “zero metafísico” como “não-dual” (*advaita*), mas isso não deve ser interpretado como “monismo” no sentido ocidental. O zero metafísico engloba em si o princípio do visível e, portanto, toda a revelação (há uma grande proximidade nesta teoria com o teorema do infinito de Kant: a negação contém em si a positividade criada a partir dela). O Ser e o Não-ser estão opostos um ao outro, portanto ambos não são infinitos, porque se limitam a isso. Mas o Ser e o Não-ser juntos são a possibilidade total e infinitos. O Ser contém tudo o que é visível, o Não-ser contém tudo o que não é visível (e até o Ser em geral). O Ser é a primeira afirmação ou a primeira afirmação da qual todas as outras

afirmações emergem e são criadas. Assim como na série de números, o 1 é o primeiro número e a partir dele todos os números foram criados, e nele estão localizados. É assim que o visível se enraíza e se ancora no oculto. É necessário, portanto, ver o visível como uma revelação do oculto. Somente o oculto é constante, e o revelado deriva seu poder do oculto. Quando olhamos abertamente para nós mesmos, sem atribuí-lo ao oculto, nossa percepção será deficiente. Quando atribuímos, por exemplo, persistência ao revelado, esta afirmação será falsa e própria, porque não há persistência no reino do revelado. Isto se aplica especialmente ao “eu”. O “eu” do indivíduo faz parte do revelado, e a persistência só pode ser atribuída a ele na medida em que se relaciona com o Eu, pois só este pode incutir nele identidade e persistência em todos os seus ciclos.

O estado da revelação é para sempre transitório e condicional. Somente o oculto é independente e constante. Mas isto é preciso saber: toda a distinção entre o visível e o oculto é completamente accidental. Só se faz do ponto de vista do revelado – por exemplo: da pessoa – mas o próprio revelado, na medida em que é revelado, é accidental. No entanto, esta reserva não diminui a importância de distinguir entre o visível e o oculto para nós, para os seres humanos.

Como exemplo de “possibilidades”, a impossibilidade gera o vazio e o silêncio. A impossibilidade dobra em si o visível, da mesma forma que o silêncio dobra em si a fala. Assim como o zero metafísico ou o Não-ser precede logicamente o Ser, e o Ser nada mais é do que o Não-ser do qual “eles” são expressados – assim também o silêncio precede a fala, e a fala nada mais é do que o silêncio que segue sua expressão, a via apofática.

Guénon também distingue entre Ser e existência. O Ser é, como mencionado, o princípio da descoberta. A existência é a totalidade do revelado. O Ser, portanto, envolve a existência em si mesmo e é, metafisicamente falando, superior à existência, porque é menos fixo que a existência. Cada adição de certeza diminui a classificação metafísica, sendo uma ilustração, e cada ilustração afasta a fonte, que é a possibilidade total.

O oculto não está escravizado às mesmas condições a que se submetem os modos de existência. O oculto constitui a totalidade de todo Ser, a saber: o elemento metafísico nele contido.

Todos esses detalhes foram explicados por Guénon, de forma muito resumida, em seu livro "Os Múltiplos Estados do Ser"². De vez em quando ele se baseia na filosofia indiana para explicar o caminho dos princípios ocultos às revelações³. As raízes estão acima, porque são os fundamentos metafísicos dos mundos visíveis, e os ramos estão abaixo, porque representam o revelado. E há três graus de descoberta: o não-individual ("informal"), o "sutil" (sutil) e o "grosseiro". O estado grosseiro corresponde aproximadamente à diferença entre espírito e matéria, mas Guénon rejeita a distinção nítida feita aqui por Descartes. A manifestação material é sutilmente dobrada e penetrada por ela, e nesta última residem os princípios imediatos da primeira.

A inteligência total (ou a mente transcendental ou cósmica; *Buddhi, Logos*) também pertence ao domínio da revelação supraindividual. A inteligência total é a primeira descoberta, por assim dizer, do raio que encontra diretamente no sol. Considerando que a consciência é uma descoberta individual, encontrada também em animais e talvez até em outras áreas orgânicas. O que define uma pessoa é a autoconsciência, que está relacionada a sua qualificação intelectual. A qualificação intelectual é a expressão ou a descoberta da referida razão universal nas condições da existência humana. A mentalidade da pessoa funciona no quadro da separação entre o sujeito e o objeto, é indireta, mediada; enquanto o intelecto é intuitivo e está além do contraste entre sujeito e objeto. Os princípios dos fundamentos do conhecimento humano são a expressão da razão total, impõem sua influência à mente humana, pois são dados de uma forma transcendental, e são condições que condicionam toda atividade mental da pessoa.

Devemos também comentar que segundo as palavras de Guénon os dois versículos de Gênesis 1:6-7 são uma expressão simbólica da diferença entre a revelação não-individual (a água acima do céu) e entre a revelação individual (a água abaixo do céu); enquanto água antes da separação é um símbolo da totalidade das possibilidades de revelação, o aspecto potencial do ser total (nos indianos: *Prakriti*). Ao final desta descrição das linhas básicas da metafísica, devemos reiterar que Guénon rejeita o panteísmo e a teoria da emanação. A multiplicidade está incluída na unidade, e a unidade está incluída no zero metafísico, e tudo está incluído na possibilidade total ou no infinito. O infinito penetra tudo, mas é definitivamente diferente daquilo que penetra, mas não é diferente dele. Também é dito no Bhagavada Gita 7:12: "*Num*

² cf. *Les états multiples de l'être*. René Guénon. Les Pangolins Editions, 2023.

³ *L'homme et son devenir selon le Védânta*. René Guénon. Dervy, p. 114, 2021.

certo sentido, Eu sou tudo, mas Eu sou independente. Eu não estou sob a influência dos modos da natureza material, mas eles, ao contrário, estão dentro de Mim."

Na linguagem da teoria da lógica, a relação entre o infinito e o mundo (no sentido abrangente, a maioria) não é reversível. É aqui que o panteísmo e a teoria da emanção falham.

Qual é a relação entre a “metafísica” no sentido de Guénon e entre a filosofia, por um lado, e a religião, por outro? Esta questão foi tratada pelo aluno de Guénon, Frithjof Schuon, na introdução ao seu livro “A Unidade Transcendente das Religiões”⁴. A metafísica está ancorada na “razão” (e deve ser lembrado que a “razão” aqui é superior à razão, ao contrário da forma como Kant usa este termo), enquanto o preenchimento da Sabedoria é criado pela razão, que é um talento puramente individual.

O “intelecto” é supraindividual, portanto, a metafísica também é supraindividual, inclusiva, divina. O conhecimento intelectual é superior à visão religiosa, mas esta é, novamente, imensamente superior à visão filosófica, porque vem de Deus e não do homem. A "metafísica" surge de uma perspectiva intelectual, a religião – da revelação. A revelação é a palavra de Deus para suas criaturas, a perspectiva intelectual é participação direta e ativa no conhecimento divino, e não na participação passiva e indireta como a religião. Na visão intelectual, o indivíduo não adquire seu conhecimento como indivíduo, mas na medida em que está dentro de si mesmo, não é diferente da deidade. A certeza metafísica é absoluta por causa da identidade entre o conhecedor e o conhecido dentro da mente. Na revelação, o indivíduo recebe o símbolo ou a criação e não distingue entre ele e a verdade sobrenatural; a metafísica certamente usará a forma e o símbolo como meios de expressão, mas conhecerá a sua relação em cada uma das principais religiões, que servem como meio de expressão simbólica das verdades conhecidas diretamente pela "mente", aquele órgão espiritual que o esoterismo muçulmano chama “o olho do coração”.

A metafísica não é uma teoria desta ou daquela cultura, não tem origem humana nem possibilidade de investigar sua origem de forma histórica, pois não entrou em um momento específico da história da humanidade. A verdade metafísica é eterna e apenas suas formas externas e acidentais mudam; mas não se trata de “desenvolvimento”, na verdade, é a adaptação aos acontecimentos acidentais de um povo ou de um período.

⁴ cf. *De l'unité transcendante des religions*. Frithjof Schuon. Editions L'Harmattan, 2014.

A metafísica é o centro de formação de todas as sociedades de natureza "tradicional", ou seja: de todas as sociedades que já existiram, exceto a sociedade ocidental de hoje, que, ao contrário de todas as outras sociedades, é construída sobre o princípio do indivíduo, e não na metafísica comum a todos os seres humanos.

Guénon cunhou o conceito de "tradição integral" como um termo para essa propriedade metafísica comum.

Em todas as culturas de natureza tradicional, a "visão intelectual", a metafísica, é o principal, e todo o resto nada mais é do que a sua conclusão ou a sua utilização por diversas razões acidentais. Isto é verdade tanto para as ciências como para as instituições sociais. As ciências não são aqui senão extensões ou reflexos de uma cognição absoluta a respeito dos domínios da realidade relativa. Enquanto a ciência ocidental se afasta da experiência privada e tenta construir diferentes ciências sobre ela e a partir das ciências privadas para chegar à metafísica examinando uma hipótese, uma mera hipótese, a cultura "tradicional" atribui à experiência o segundo lugar, subordinado, digno de qualquer matéria acidental e relativa, e explica e compreende esta experiência a partir dos princípios metafísicos. E o mesmo se aplica à estrutura social. Também aqui o princípio metafísico vem em primeiro lugar, a sociedade também é semelhante à árvore sagrada, cujas raízes estão acima e os seus ramos estão abaixo. Está estruturada de forma hierárquica, de cima para baixo, de tal forma que o sistema intelectual controla tudo e as ordens da sociedade como um todo surgem dos princípios e nada mais são do que suas conclusões, pois somente a autoridade espiritual pode mudar a sociedade. Este é o principal argumento de Guénon contra a democracia. O povo não pode inculcar poder em nenhuma instituição, porque ele próprio carece de poder. O verdadeiro empoderamento só pode vir do espírito, e na sociedade tradicional existe um status especial que é o portador do espírito. E qualquer correção da sociedade só pode ser feita retornando aos princípios espirituais. Qualquer reforma parcial, que queira corrigir efeitos colaterais, estará na periferia da sociedade. Sem voltar-se para o centro, para a metafísica, não passa de um desperdício de energia.

Toda cultura tradicional tem um lado externo, visível e exotérico, e um lado interno, oculto, esotérico.

A relação entre o revelado e o oculto é encontrada nas três religiões monoteístas, mas tanto na Grécia como na China (Confúcio e o Tao), o oculto sempre alimenta o revelado, e quando

o oculto se perde ou é esquecido; e às vezes é esquecida a tal ponto que os membros da religião afirmam que não há oculto, a cultura revelada degenera e se assemelha a um cadáver do qual o espírito floresceu. E isso aconteceu com o Ocidente.

A crítica ao Ocidente é a parte mais atual do empreendimento de Guénon. O Ocidente de hoje é, em relação às “sociedades construídas sobre a tradição”, uma degeneração “monstruosa”, única. A sociedade normal é construída sobre a tradição. Os exemplos mais conhecidos são Europa da Idade Média, a China antes do contato com o Ocidente e a Índia. Numa sociedade assim, todas as ações do homem têm um caráter religioso. A religião não é um espaço que limitado a vida, ela permeia todo o ser do homem, o seu ser privado e, especialmente, a sua existência social. Não há lugar para uma vida “secular” ali. A profissão do cidadão, o seu ofício, está intimamente relacionada com a religião, na medida em que as associações profissionais são de natureza sagrada, e a própria certificação mística está associada aos símbolos da associação profissional (ver o significado simbólico dos sinais do ofício nos maçons). Entre os indianos, desenvolve-se o ensinamento de *Swadharma*, segundo a qual cada pessoa na sociedade cumpre o mesmo papel a que está destinada de acordo com a sua natureza, de acordo com a sua qualidade – em forte contraste com a sociedade ocidental de hoje, onde a qualidade do indivíduo não tem importância, pois o indivíduo nada mais é do que uma unidade quantitativa, que pode ser substituído por qualquer outra unidade.

3. Deus e Desenvolvimento no Reino da Quantidade

Contudo, embora a cultura ocidental seja um “monstro” aos olhos de Guénon, a sua existência é cosmicamente necessária. Para compreender esta necessidade, precisamos dizer algumas palavras sobre a teoria (indiana) dos ciclos, que é a base da cosmologia de Guénon. “Deus constrói mundos e os destrói” também é dito no Ocidente. Esta construção e destruição ocorrem na forma de ciclos. Cada manifestação da divindade no mundo ocorre em quatro ciclos (semelhantes a quatro períodos: luz, prata, cobre, ferro, no mito europeu clássico), e cada ciclo se afasta mais da fonte divina do que o anterior. Estamos agora no quarto ciclo da nossa manifestação, portanto, nos aproximando do limite mais distante da luz divina. O ciclo das trevas, *Kali Yuga*, é marcado pelo pôr do sol da luz, o domínio das forças demoníacas. E não é por acaso que o fim do mundo atual é caracterizado pelo domínio do Ocidente, porque no Ocidente o sol se põe. A velocidade do desenvolvimento é diferente

em cada ciclo, com o avanço dos ciclos a velocidade aumenta e diminui, semelhante ao aumento da aceleração de uma pedra caindo.

Com velocidade crescente, nosso mundo está se aproximando do fim. Estamos vivendo no último período do *Kali Yuga*. Este último período começou por volta do ano 1300. O declínio espiritual da Europa começou com a dispersão das ordens de cavaleiros (1312). A libertação do indivíduo significa a rebelião do “pequeno eu”, do indivíduo, da proporção, no “grande eu”, na Consciência Universal. "Começa o “Reino da Quantidade” como Guénon chamou seu livro⁵. A racionalidade do tempo encontra sua expressão na filosofia de Descartes: ao contrário de Aristóteles, a metafísica torna-se escrava da física, e a física da nova era é escrava da utilidade. A razão penetra cada vez mais na matéria. Considerando que anteriormente a vida prática do homem, sua orientação e seus objetivos, se davam a partir da contemplação, da observação teórica da ciência, esta tornou-se agora, ao contrário, servidora do ato prático. Pelo facto de a ação se desligar da lei que determina o seu carácter, a sua norma, a ação degenerou em atividade cega e infrutífera. O utilitarismo mais baixo tomou conta das almas. A proliferação da riqueza material criou a ilusão de progresso. O “progresso” é feito em prejuízo da humanidade ocidental, enquanto pensa que o homem foi libertado de todos os preconceitos.

A Europa cria para si a figura humana que é uma caricatura da figura humana que dominou a Idade Média e que ainda hoje domina o Oriente, desde que não tenha sido destruída pelas conquistas ocidentais (e pela Rússia, claro, em geral). A América do Norte é chamada na boca de Guénon: “o extremo Ocidente”, onde uma pessoa se identifica com seu sucesso (ele é um sucesso) e com sua renda (ele vale...).

O desenvolvimento do homem pode ser simbolizado por um triângulo: o vértice do triângulo simboliza a sua origem em Deus. No ápice não há quantidade, tudo é uma qualidade reunida, dobrada. Na medida em que a área do triângulo aumenta, e a base, que simboliza a manifestação em sua revelação, se afasta do vértice – a quantidade ultrapassa a qualidade, e o vértice, a qualidade plena, é “esquecido” mais e mais, conforme a quantidade for perceptível e crescente. O fator quantitativo determina o artesanato e a indústria. Na Idade Média o trabalho do artesão era individual, ele investia algo de sua personalidade em seu trabalho; em nossa época, tudo é feito a partir da criação em massa”, e o próprio uso desse

⁵ Cf. *Le Règne de la quantité et les Signes des temps*. René Guénon. Dervy, 2022.

termo, a “massa”, caracteriza o período. O termo é a vitória da quantidade sobre a qualidade, e essa regra da quantidade também se espalha no campo da ciência: cria-se a ideia absurda da psicologia quantitativa, cresce o ideal de uma ciência estruturada. Nas estatísticas, são feitas tentativas de aritmética da moralidade. A regra da quantidade atinge seu ápice no materialismo da ciência, pois a matéria é pura expansão (Descartes), uma quantidade desprovida de qualquer qualidade. O modo de pensar materialista dominou tanto os cientistas que mesmo os pesquisadores religiosos em seu trabalho científico e modo de pensar, que já não são menos materialistas do que seus amigos incrédulos.

Uma educação materialista na ciência impede que os investigadores de história compreendam o passado; eles acreditam que o homem sempre foi semelhante aos nossos contemporâneos, que sempre identificou, como o homem faz hoje, o “real” com o “sensivelmente perceptível”; e esse preconceito dos pesquisadores é um difícil obstáculo para a compreensão do passado. Basta mencionar a alquimia, que o homem arrogante do século XIX via como o antecessor “inocente” e “supersticioso” da nova química, enquanto a alquimia procurava o significado espiritual das coisas – uma questão incompreensível para a nossa geração.

Uma ciência de nível cosmológico, que, segundo a analogia existente entre o “grande mundo” e o “pequeno mundo”, também tinha uma utilidade para o homem, foi construída de tal forma que pudesse ser explicitamente transferida para o puro reino espiritual, e este reino deu às instruções da alquimia um valor simbólico e um significado supremo, na medida em que foi um dos exemplos mais completos das “ciências tradicionais”; enquanto a química moderna não tem afinidade com esses assuntos. É corrupção e degeneração, que foram causadas por pessoas que não entenderam o verdadeiro significado dos símbolos literalmente. É assim que a ciência moderna é construída, dos lixos e restos das ciências antigas. Desta forma, o pesquisador moderno com seus preconceitos falsifica a etnologia, a história e a geografia antiga; e essas opiniões distorcidas dos cientistas penetram através de mil canais de popularização na consciência do homem comum e aí se tornam novos paradigmas, o verdadeiro viver mesmo quando o próprio cientista os deixou há muito tempo.

Pode-se dizer que as ferramentas de percepção do homem perderam seu poder, tornaram-se um trópicos em relação a determinados fenômenos. O homem da nossa geração parou de compreender coisas que o homem de outras épocas compreendia. O horizonte do homem nos novos tempos tem se estreitado cada vez mais – e não é de admirar que os “milagres” tenham parado em nosso mundo, quando nossos órgãos de absorção quebraram. E mais:

entre o homem e o seu ambiente existe, na opinião de Guénon, uma compatibilidade mútua. As ordens do homem e as ordens do mundo não estão separadas uma da outra, são ferramentas interligadas e existe uma ação mútua entre o homem e o cosmos; e quando a quantidade tomou conta do homem, também tomou conta do cosmos. No próprio mundo ocorreu a solidificação, o mundo parece ter se desenvolvido de acordo com os conceitos materialistas do homem e se tornado cada vez mais sólido. Esta é a única forma de explicar o sucesso da ciência materialista em explorar o mundo e escravizá-lo. A solidez do mundo significa que tudo pode ser calculado, registrado, organizado e gerido. Num mundo tão sólido e ordenado não há mais espaço para povos nômades. Uma expressão deste processo é a criação das grandes cidades, que recolhem cada vez mais toda a vida. Nas palavras de Guénon: Caim mata Abel, o fazendeiro colono versus o pastor errante. Tem sido dito sobre a ciência moderna que ela afasta cada vez mais os limites do desconhecido e expande os limites do conhecido. Segundo Guénon, é correto dizer o contrário. Nunca o campo conhecido pelo homem foi tão limitado como é hoje, e nunca o campo da realidade que o homem não conhece foi tão grande como é hoje. E mesmo o conhecimento que resta ao homem moderno é a mentalidade pragmática, utilitária e ignorante"⁶.

Embora Guénon admita que o materialismo já ultrapassou o seu auge e que existem "rachaduras" na parede do materialismo sólido. Mas essas "rachaduras" não melhoraram a situação, mas pioraram-na. Através dessas fendas e buracos, as forças psíquicas entram no mundo, mas estas são forças da vida após a morte: o espiritismo, falsas profecias, iniciações satânicas, psicanálise. Guénon menciona o fato de que ninguém pode ser psicanalista sem passar ele próprio pela análise – algo que imita a iniciação mística, em que uma iniciação só pode surgir de uma iniciação prévia. Tudo isto veio provar-lhe que o declínio do materialismo, que estamos a testemunhar, agravou ainda mais a situação do nosso mundo. As forças psíquicas satânicas penetram através das fissuras do materialismo, e em vez da "solidificação" vem a "resolução" que desintegra o nosso mundo em pedaços. O reinado do "Anticristo" é uma imitação satânica e uma caricatura da verdadeira tradição e espiritualidade. O fim do nosso mundo chegou.

⁶ Ibid., cap. XXI.

Mas o fim do nosso mundo não é o fim do mundo. Quando a revolução de Satanás estiver em pleno andamento e a sua vitória parecer completa, aparecerá um verdadeiro Messias, começa uma nova idade de ouro: um novo ciclo do mundo.

Contento-me com esta descrição da visão de mundo de Guénon, sem precisar de uma crítica profunda dela. Basicamente, tal afirmação não é possível, pois deve ser realizada externamente. Afinal, Guénon depende de fontes e poderes que estão além da razão comum do homem e que não estão abertos a ele. É claro que este não é um argumento contra Guénon, que responderá com razão que, em princípio, o caminho para a iniciação mística não está fechado a ninguém. Mas em qualquer caso, não há possibilidade de conversa e crítica entre quem recebeu a iniciação e quem não recebeu, porque não há uma só linguagem conceitual. Portanto, só posso contar com a crítica e avaliação de detalhes.

No entanto, com tudo isto, deve ser dito que a sua crítica ao Ocidente e ao nosso tempo não é uma crítica objetiva e justa. Com todos os fundamentos corretos de sua crítica à psicanálise, seria lícito que ele fechasse os olhos à bênção que a psicanálise trouxe ao homem? Ele vê apenas claro e escuro, mas não está disposto a colocar seu coração nas sombras e sombras das sombras. Raymond Abellio comentou corretamente que a posição polêmica feroz de Guénon contra a cultura ocidental não é consistente com seu próprio método⁷. Afinal, na introdução do livro "O Reino da Quantidade"⁸, o próprio Guénon diz que tudo faz parte do plano divino, e que deste ponto de vista há um significado positivo para tudo, até mesmo para o *Kali Yuga*, mas na sua abordagem à humanidade ocidental, ela é apenas um inimigo e um guerreiro e não se eleva acima da arena da polêmica. Se ele aspirava à justiça e à objetividade do seu próprio ponto de vista, o incenso estriológico do final do ciclo deveria ser mais importante aos seus olhos do que o conteúdo.

Abellio também comentou sobre isso: Guénon não está interessado nos problemas éticos e estéticos do nosso tempo e não prestou atenção aos esforços da filosofia da época para salvar o homem do declínio do Ocidente. Abellio fala especificamente de Husserl e da fenomenologia. O "eu transcendente" da fenomenologia é o mesmo, em sua opinião, que o "Sol" de Guénon, que fingiu não ter percebido isso, pois contemporâneo de Husserl.

⁷ cf. *Raymond Abellio*. Jean-Baptiste de Foucauld, Antoine Faivre de Foucauld. Dervy, 2004.

⁸ *Ibid.*, cap. I.

Enquanto a ciência e a tecnologia se contentam com as conclusões da investigação, Husserl tentou elevar-se acima da ciência e da tecnologia e traçar as raízes da abordagem técnica do homem de hoje; e os alunos de Husserl continuam neste caminho. Nada disso Guénon viu e não quis ver. Diz Abellio: “*Guénon fecha os problemas, enquanto Husserl os abre.*”

Abelio espera que os dois caminhos, o de Husserl e o de Guénon, se aproximem e convirjam e formem um só caminho. Guénon, claro, não aceitaria tal solução.

Um otimista...

O problema fundamental na avaliação da metafísica universal de Guénon reside, em nossa opinião, na atitude em relação ao caminho do homem desde o tempo do renascimento. É correto ver esta estrada como uma estrada para a morte? Será possível ver o novo tempo - apesar de todos os jogos falsos e repulsivos que a Guénon nos revelou, como uma forma para o homem amadurecer e alcançar a liberdade interior para ser parceiro da Verdade?

⁹ op. cit. *Raymond*, p. 312.